

TÉCNICAS DE MANEJO E SUSTENTABILIDADE DA PALMEIRA *ATTALEA FUNIFERA* MARTIUS – PIAÇAVA DA BAHIA: ESTUDO DE CASO EM MASSARANDUPIÓ, LITORAL NORTE – BAHIA¹

Rosane Oliveira Barreto*

* Bióloga licenciada pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE) – Salvador-BA. Especialista em Ecologia e Intervenções Ambientais pela UNIJORGE. E-mail: rosanenani@yahoo.com.br

Resumo: O extrativismo da palmeira Piaçava da Bahia, conhecida cientificamente como *Attalea funifera* Martius, corresponde a uma das principais atividades econômicas da Vila de Massarandupió, pertencente ao município de Entre Rios, situado no Litoral Norte da Bahia. O artesanato da palha da piaçava é realizado por mulheres, responsáveis pela renda familiar. Aspectos socioambientais são relatados no artigo. É enfatizada a necessidade de técnicas de manejo participativo para coleta da piaçava. Tais técnicas devem garantir a sustentabilidade ambiental e o respeito à tradição cultural da região. Essas tradições são caracterizadas pela arte do trançado, que é um legado de gerações passadas. Nessa atividade avós, mães e netas ainda trabalham juntas.

Palavras-chave: extrativismo; aspectos socioambientais; artesanato; tradição cultural; manejo participativo; piaçava.

Abstract: The extractivism of 'Piaçava da Bahia' palm, known scientifically as *Attalea funifera* Martius, corresponds to one of the main economic activities in the village of Massarandupió, located in the municipality of Entre Rios, on the northern coast of Bahia. The handcraft using piaçava straw is done by women, responsible for the family income. Socio-environmental aspects are mentioned in this article. It emphasizes the need for technical participatory management for the collection of the piaçava. Such techniques must ensure environmental sustainability and respect regional cultural tradition. These traditions are represented by the art of braiding that is a legacy from earlier generations. Grandmothers, mothers and granddaughters are still working together in this craft.

Keywords: extractivism; socio-environmental aspects; handcraft; cultural tradition; participatory management; piaçava.

1 INTRODUÇÃO

A Piaçava da Bahia no Litoral Norte remete ao extrativismo nessa região do Brasil desde a época da colonização até os dias atuais. O presente trabalho tem como objetivo aplicar o conceito de manejo sustentável na análise das técnicas de utilização da piaçava pelas artesãs da comunidade de Massarandupió. Dentre os objetivos específicos, visa-se avaliar os aspectos socioeconômicos da comunidade, estudar a Piaçava da Bahia nos seus aspectos físicos e biológicos, descrever técnicas de manejo da piaçava utilizadas pela comunidade, trabalhar com a comunidade a valorização do artesanato, como meio de sustentabilidade social e ambiental, e incentivar projetos de manejo participativo com as artesãs e com os proprietários das terras onde também se faz a colheita da

¹ Artigo elaborado com base em monografia de conclusão do Curso de Especialização em Ecologia e Intervenções Ambientais, sob orientação da professora Rosiléia Oliveira de Almeida.

palha da piaçava. Tendo-se como foco de estudo a prática do extrativismo, formula-se a seguinte pergunta: a utilização da Piaçava pela comunidade de Massarandupió promove a sustentabilidade ambiental e garante o manejo participativo, assim como a valorização da tradição local?

A Piaçava da Bahia contribui para a sustentabilidade econômica da comunidade de Massarandupió através da palha com a qual é confeccionado o artesanato da região. Nos últimos anos esses produtos passaram a ser comercializados também por empresas particulares e instituições públicas, trazendo para a comunidade uma perspectiva maior de inclusão social. Desta forma, os programas de educação ambiental que são desenvolvidos na região devem valorizar essa tradição, alertando para que a prática extrativista não resulte na degradação do meio ambiente, da qual o homem faz parte.

Busca-se, assim, meios de manejos participativos com a comunidade através da sensibilização sobre a importância da preservação ambiental no extrativismo da palha e da valorização sócio-econômica e da tradição local gerada pelo trançado da palha. Porém, é necessário que ações mitigadoras sejam realizadas, como: para cada palmeira manuseada que tenha a palha danificada, deve ser respeitado o período de nova colheita, para que não venha a ocorrer no futuro a extinção da piaçava.

No desenvolvimento do estudo sobre técnicas do manejo e sustentabilidade da piaçava, foram adotadas como estratégias metodológicas, além do estudo geral da Palmeira *Attalea funifera* Martius – Piaçava da Bahia, entrevistas com membros da Associação das Artesãs de Massarandupió – ADAM e pesquisa descritiva do manejo da piaçava, desde a coleta das fibras até a confecção do artesanato, com registro fotográfico e fílmico.

2 A OCUPAÇÃO DO LITORAL NORTE DA BAHIA

A ocupação do Litoral Norte teve início com a chegada de Garcia D'Ávila no meado do século XVI, sendo que a ele foi dada por Tomé de Souza uma faixa de terra que compreendia entre os campos do rio Pojuca, no Município de Mata de São João, até próximo à foz do Rio Real, no Município de Jandaíra, local onde se inicia a ocupação e

conquista dos portugueses e a submissão dos índios tupis, tupinambás, massarandupió, dentre outros, ao trabalho escravo.

A busca de riquezas facilmente obtidas e de mercados a explorar foi sempre a chave propulsora da colonização e povoamento das terras brasileiras.

Neste período, Garcia D'Ávila constrói a Casa da Torre, que serviu de moradia para seus descendentes, escravos, empregados e agregados. A partir desta construção instalou-se um espaço de produção com a pecuária extensiva e o comércio extrativista do coco e da piaçava, iniciando, assim, a degradação do ecossistema costeiro, principalmente nas áreas de Mata Atlântica.

No final do século XIX chega ao Brasil, a convite do Imperador D. Pedro, um prussiano, naturalizado norte americano, Sigisfred Sigismundo Schindler, que adquire as terras dos descendentes de Garcia D'Ávila e estabelece um comércio de produtos naturais extrativistas. Conhecido como um grande pesquisador de produtos naturais e visando o estabelecimento de um bom negócio de exportação, inicia seu comércio levando para Londres amostras das cascas externas da piaçava, o "endocárpio", para a fabricação de botões, assim como outros produtos naturais que propiciassem um crescimento do comércio, como o coco, as frutas secas, as raízes medicinais, as palhas da piaçava e, até mesmo, peles de animais (MATTEDI, 2001a; MATTEDI, 2001b).

Foi assim que na localidade de Porto de Sauípe, no Município de Entre Rios, foi construído, nas margens do rio Sauípe, um porto para a chegada e saída de materiais. As terras, então pertencentes a Schindler, eram arrendadas aos moradores para que pudessem desenvolver suas atividades tradicionais, como a pesca, a caça, a confecção de artesanato de palha da piaçava e a extração de outros diversos produtos naturais (MATTEDI, 2001a).

Na década de 70 surge o Pólo Petroquímico e a necessidade de construção de uma rodovia como a BA 099, intensificando-se a intervenção do homem no ambiente, fato esse que já vinha ocorrendo desde a colonização. Desta forma, o Litoral Norte não para de se transformar, trazendo mudanças sociais e espaciais que geram entre populações e empreendedores novos rumos que põem em risco a sustentabilidade ambiental. As

novas atividades relacionadas aos serviços turísticos tendem a desestabilizar as comunidades que desenvolvem há muito tempo, como tradição cultural, o trabalho de pesca e do artesanato da palha da piaçava, e que mantinham, até então, um estilo diferenciado de viver e de se relacionar com os recursos naturais.

3 A VILA DE MASSARANDUPIÓ

O surgimento do povoado ocorreu pouco depois do início da colonização, período em que habitavam na região os índios Massarandupió.

Segundo os moradores da região, que já escutavam a história contada pelas gerações passadas sobre os índios do local, ali existiam muitos pés de maçaranduba (do tupi – ma- çaran- d- yba, *árvore do escorrego*, por ter utilidade na mata para rolar a árvore tirada – Instituto Histórico e Geográfico, 1996), que produz um pequeno fruto amarelo, geralmente doce. Como os frutos naquela região tinham um sabor amargo, tornou-se costume dizer que aquele local era onde tinha a maçaranduba pior, formando, assim, o termo Massarandupió.

Situada no Município de Entre Rios, no Litoral Norte da Bahia, a vila tem por volta 1.000 habitantes e está localizada a cerca de 100 km de Salvador, sendo o acesso feito pela BA 099 – KM 88 (PRODETUR, 1998). Sua subsistência principal vem da pesca, complementada pelo artesanato da palha da piaçava, que vem aumentando a cada dia, feito por mulheres da região que praticam esses trançados, aprendidos com as gerações passadas. As artesãs se dedicam à fabricação de bolsas, chapéus, tapetes, sandálias e outros produtos que, quando estão prontos, são comercializados nas feiras dos povoados e municípios vizinhos ou, até mesmo, em hotéis, lojas e exposições na capital e em outras cidades baianas. Todo esse trabalho tem o suporte da Associação de Moradores de Massarandupió – AMAM, que ajudou as artesãs a fundarem a Associação das Artesãs de Massarandupió – ADAM. A iniciativa conta também com o apoio do Sebrae, do Instituto Visconde de Mauá, dos programas Berimbau e Talentos do Brasil, da Bahia Pulp, que desenvolvem com a comunidade atividades sócio-educativas e de

educação ambiental para que se busque a valorização dos produtos e tornem a população auto-sustentável.

Com uma área onde predomina a Mata Atlântica, a localidade é formada pela vegetação de restingas, cordões de dunas, coqueirais, pastagens, riquíssima flora e fauna, áreas úmidas (brejos e lagoas) e manguezais em estuários, que, se não forem conservados, tendem a desaparecer. Por isso, faz parte de uma APA (Área de Proteção Ambiental), criada pelo Decreto Estadual nº. 1.046, de 1992, sob controle do IMA e do IBAMA. A praia constitui uma ZPR – Zona de Proteção Ambiental (IMA, 1992), favorecendo, assim, uma maior preservação do ambiente, mesmo porque o espaço é visitado por turistas e pessoas da região.

4 A PIAÇAVA

Attalea funifera Martius é uma espécie nativa e endêmica do Brasil, natural da Mata Atlântica, cujo nome vulgar é Piaçava ou Piaçaba, termo de origem Tupi que significa "*planta fibrosa*" (BUENO, 1982 apud VINHA; SILVA, 1998).

O nome genérico, *Attalea*, foi proposto em 1816 por Humboldt, Bonpland e Kunth e dado em homenagem a Attalus (197 a.C.), o rei de Pérgamo, cidade estado na Ásia Menor. São conhecidas, no gênero, 22 espécies de palmeiras, sendo a mais importante a *Attalea funifera*, descrita por Martius em 1825, utilizando a união de duas palavras latinas: "**funis**", substantivo que significa "*corda*", "*amarra*", e "**ferens**", adjetivo que significa "*que produz*" (VINHA; SILVA, 1998).

Existem três espécies descritas de piaçava:

- Piaçaba (*Leopoldina piassaba*), originária do Amazonas e do Norte do Pará.
- Piaçava acreana (*Aphandra natalia*), que ocorre no Vale do rio Juruá- Acre.
- Piaçava da Bahia (*Attalea funifera* Martius), existente no Estado da Bahia.

O manejo da piaçava da Bahia é uma herança cultural atribuída aos índios tupinambás, que utilizavam o trançado para fabricar objetos, vindo a ser mais tarde adotado pelos trabalhadores rurais e pescadores para suprir as necessidades de

produção de uso próprio como chapéus e tapetes, geralmente confeccionados pelas mulheres.

A Bahia é responsável por 95% do total da produção brasileira. A exploração da piaçaveira² é uma atividade puramente extrativista, por isso existe a necessidade de um manejo racional para que sua sobrevivência seja garantida. Segundo Vinha e Silva (1998), dentre as palmeiras que produzem fibra, a piaçaveira é considerada como a de maior importância econômica, sobretudo pela qualidade da fibra e a boa aceitação no mercado internacional. Por serem longas, não elásticas, com alta flexibilidade e impermeáveis, as fibras retiradas das piaçaveiras têm amplo potencial de utilização, tanto no mercado interno como externo, na fabricação de vassouras de uso caseiro e industrial, como isolante térmico, na cobertura de casas e quiosques de praias, em cordas para amarração de navios, na produção de cestos e escovas, e na confecção de artesanato, dentre outros empregos (MELO, 2009; SEAGRI, 2009).

Attalea funifera Martius, encontrada na Bahia, desenvolve-se bem em clima quente (24°C) e sempre úmido (umidade relativa do ar acima de 80%), favorecendo o seu desenvolvimento e, por conseguinte, uma melhor colheita.

Na faixa litorânea, a palmeira é encontrada em solos arenosos, associados à vegetação secundária sob mata, em áreas expostas à luz. Na medida em que se distancia do litoral, pode-se observar a piaçava em solos arenosos – argilosos. Em geral, as plantas estão distribuídas de forma desordenada, em diferentes estágios de desenvolvimento vegetativo. Uma das principais características é a sua adaptação a solos de baixa fertilidade, considerados, assim, impróprio para outras culturas. Dentre as espécies herbáceas e arbustivas associadas à piaçaveira, predomina a tiririca (*Rhynchospora splendens* – família Cyperaceae) (VINHA; SILVA, 1998).

As primeiras flores aparecem quando as plantas têm aproximadamente 10 anos de idade e estão no período de “coqueiro” (BONDAR, 1942 apud VINHA; SILVA, 1998). A floração ocorre durante os meses de verão (janeiro a março), podendo não ocorrer em algumas plantas. Segundo Vinha e Silva (1998), as inflorescências podem ser

² O termo piaçaveira é usado em referência tanto à planta quanto à mulher que faz a coleta da piaçava.

masculinas, femininas ou hermafroditas, sendo que os três tipos podem ocorrer em uma mesma palmeira, com a liberação do pólen das flores masculinas logo após a abertura da espádice.

A polinização das palmeiras geralmente é feita por insetos, principalmente *Apis mellifera*, *Trigona sp.*, *Drosophila sp.* As flores fecundadas produzem frutos por cerca de um ano, ficando eles reunidos em cachos. A dispersão natural de sementes ocorre, na maioria das vezes, por roedores (SILVA, 2002).

4.1 Aspectos Botânicos

De acordo com estudos feitos por Vinha e Silva (1998, p. 16), a palmeira tem a seguinte posição taxonômica:

Divisão: Spermatophyta (Fanerógama)
Classe: Angiospermae
Subclasse: Monocotyledoneae
Ordem: Arecales (Principes)
Família: Arecaceae (Palmae)
Subfamília: Arecoideae
Tribo: Cocoeae
Subtribo: Attaleinae
Gênero: *Attalea*

4.2 Aspectos Morfológicos

A Piaçava da Bahia apresenta, como aspectos físicos, a raiz de cor branca e amarelada, com a coifa bastante diferenciada; o caule com estirpe ereta, cor cinza escuro, com marcas foliares em toda sua extensão; a folha completa, ereta, de coloração verde-escuro; e o fruto simples, pluricarpelar e plurilocular.



Figura 1. Piaçava da Bahia.
Fonte: www.ceplac.gov.br



Figura 2. Cacho do fruto.
Piaçava da Bahia.
Fonte: www.ceplac.gov.br

4.3 O Manejo da Piaçava

4.3.1 Aspectos Técnicos

No Litoral Norte está uma das mais belas produções de artesanato feito com a palha da piaçava. São quase 300 artesãs, distribuídas entre seis associações legalizadas entre o Município de Mata de São João e Entre Rios e uma cooperativa iniciada no ano de 2008, ainda em fase de legalização e que fica localizada em Porto de Sauípe, Município de Entre Rios.

Entre estas associações, foi escolhida a localizada na Vila de Massarandupió para o desenvolvimento de observação participante do manejo da piaçava e da prática cultural do trançado para o artesanato, meios de sustentabilidade da comunidade local. As artesãs de Massarandupió têm o trançado da palha da piaçava como uma arte milenar, difundida entre as famílias. Pude acompanhar artesãs de diferentes gerações (mães, filhas e netas), confeccionando bolsas, chapéus, tapetes e sandálias.

No Litoral Norte da Bahia o objetivo da extração da piaçava é apenas para a confecção de artesanato, fato esse que o diferencia do Litoral Sul da Bahia, onde a piaçava é usada também para a confecção de vassouras.

Segundo as artesãs da região de Massarandupió e outros locais do Litoral Norte, quando se retira as fibras que estão no pé da piaçava para a confecção de vassouras, é como se estivesse sendo retirada a proteção dela, levando a planta à morte. No entanto, o que é necessário é que exista um trabalho de manejo com a piaçava através de cursos com a comunidade para que seja realizada a colheita da fibra sem que venha a degradar a planta.

A Associação das Artesãs de Massarandupió – ADAM tem 22 artesãs cadastradas e sua sede não é própria, fazendo com que o aluguel seja pago com a venda do artesanato, diminuindo a renda das famílias. Através da comercialização do artesanato, elas obtêm uma renda em torno de R\$ 180,00/mês, sendo que, no período de alta estação, chegam a ganhar mais um pouco, devido ao fluxo maior de turistas.

Na maioria das vezes quem faz o trabalho artesanal são as mulheres, desde a colheita da palha, passando pelas ações de cozinhar, secar, riscar, pintar, trançar e

vender. Alguns homens ajudam na colheita e no cozinhar das palhas. A extração da palha é feita em média três vezes ao mês, mas, como as artesãs exercem outros trabalhos e acontece de não terem tempo de retirar a palha em grande escala em cada ida a campo, é comum terem necessidade de realizarem mais colheitas mensais. O manejo de cada piaçava só pode ocorrer de ano em ano, a fim de possibilitar a formação de fibras mais longas e de melhor valor comercial, fazendo com que as artesãs colham a palha em diversos pontos do piaçaval. A época considerada como mais apropriada para a colheita é no período de maio a setembro, uma vez que nos meses mais quentes as fibras ficam menos flexíveis. No entanto, nas áreas em que há mais demanda de palha para a produção de artesanato, a colheita é feita em todas as épocas do ano.

4.3.2 Passo a Passo do Artesanato

No período de agosto a dezembro de 2009, em que estive com as piaçaveiras, pude acompanhá-las passo a passo durante a confecção do artesanato.

O trabalho começa com a saída das artesãs em direção ao local da colheita, bem no início da manhã, quando o sol está fraco, ou no final da tarde.

O percurso até o piaçaval geralmente é feito a pé, em grupos de três ou mais artesãs. Observei que as roupas não estavam de acordo com o trabalho a ser exercido, pois o local requer vestimentas apropriadas por se tratar de um chão muito rico em fibras e folhas da palmeira, bem propício a alojar animais peçonhentos e insetos vetores de doenças, como doença de Chagas, transmitida pelo barbeiro (*Triatoma infestans*), que deposita as fezes nas palhas, fazendo com que as artesãs, no momento da colheita da palha, entrem em contato com essas fezes.

Segui com duas artesãs, Ivone e Edileuza, na sua rotina diária de trabalho, para a colheita das palhas, indo junto para ajudar a carregar e retirar as palhas um pescador chamado Regis da Caipora, nome dado por ele mesmo:

Meu nome mesmo é Regis, mas pode me chamar de Regis da Caipora. É isso mesmo, sou Caipora porque gosto de cuidar do mato, quando caço é porque sinto fome e preciso comer, não é todo dia que o mar tá pra peixe. Ah, também afugento os homens que vêm destruir a piaçava de forma errada.

E foi aí que Regis da Caipora revelou a forma correta de saber quando a piaçava está pronta para a retirada das palhas:

Essa piaçava quando é muito nova é pobre, porque a palha é pequena, é menor, precisa ser mais larga, mais amarelada. Não se pode retirar a folha da mesma piaçava sempre, tem que esperar um tempo pra ela crescer e ter novas palhas, senão termina matando a piaçava.

Durante o caminhar, tivemos que prestar bastante atenção na escolha da piaçava de onde iríamos tirar as folhas, pois é necessário que a observação seja feita bem junto à planta.

As artesãs Edileuza e Ivone, enquanto colhiam, descreviam a forma da retirada.

Tem que chegar junto à piaçava. Retira muitas vezes a folha com um só golpe do facão sem tirar o olho, que é a parte principal da planta e fica no centro da piaçava. Se retirar o olho, a piaçava morre e o nosso trabalho não vai existir mais. As pessoas que não entendem terminam tirando o olho, que é a parte principal da planta.

Você tem que puxar a folha da árvore e depois ir retirando a palha amarela que está dentro da folha. Tem que ter jeito, força e cuidado, pois é com essa palha que se faz o trançado.

Segundo Ivone, para se ter uma grande quantidade de palhas da piaçava para a confecção do artesanato elas levam em torno de quatro horas dentro do mato, cada artesã colhendo por volta de três feixes.



Figura 3. Colheita das palhas da piaçava.
Massarandupió – Entre Rios – BA.

Durante a colheita, perguntei se elas tinham tomado curso para saber como retirar as palhas da piaçava.

Nós crescemos vendo nossas mães entrando no mato e retirando as palhas, mas aqui no Litoral Norte sempre vem pessoas do Sebrae, Mauá, Talentos do Brasil, Programa Berimbau e até agrônomos dar curso pra gente.

A gente também faz troca, eles vêm pra aqui dar curso e nós vamos pra lá mostrar como a gente trabalha com o nosso produto. Vamos até para Tocantins. Tem até uma artesã que foi pra África ensinar o trançado, porque na África também se faz o trançado.

No Litoral Norte de Moçambique, África, artesãs colhem, cozem, secam e tingem folhas de palmeira (geralmente *Raphia hookeri*) para fazer o trançado da palha e produzir tapetes e carteiras. Os desenhos que trançam são semelhantes aos do Litoral Norte da Bahia, o que gerou o *Projeto Cá e Lá*, numa alusão a essa similaridade entre as duas regiões (SEBRAE, 2006; DIAS FILHO; OLIVEIRA, 2008).

As artesãs mostraram o cacho onde são encontrados vários cocos, que é o fruto, explicando que a parte interna serve para comer e contém um óleo que usam para por nos alimentos, e a casca do coco é usado por algumas pessoas para confeccionar bijuterias.

As pessoas usam esse óleo pra fazer moqueca de peixe. É uma delícia!

O que mais impressionou foi ver a forma como manuseavam a palha, sem nenhum receio do local onde estavam. Observei que, no momento em que avistavam a piaçava boa para colheita, deslocam-se em direção sem que olhassem o espaço onde estavam pisando. Chegaram a colher a palha embaixo de uma casa de maribondo.

Regis da Caipora chegou a dizer:

Não tenho medo disso, se o bicho me morder pego ele e mordo também. Um dia, quando ajudava a colher a palha, quando olhei para o chão lá estava a bicha (serpente). Quase que ela me pega, chegou a morder a minha sandália. Foi verdade mesmo!

Depois de quase três horas dentro do mato, chegou o momento de levar os feixes da palha amarrados em fios de licuri (*Syagrus coronata*) na cabeça para a Associação, onde as artesãs separam as folhas com leves batidos no chão (batiam o pecíolo), fazendo com que os folíolos iniciassem a separação. Em seguida, as folhas eram abertas e retiradas do pecíolo, que é jogado fora. Terminada essa fase, as artesãs colocam as folhas para cozinhar dentro de latas, operação que dura em torno de meia hora, tendo cuidado para que as palhas não ficassem desarrumadas dentro da lata, porque a água tem que circular para que sejam cozidas todas as palhas. Quando ocorre a fervura e o cozinhar das palhas, está na hora de retirá-las da lata e de esperar que esfriem antes de começar a abri-las e a amarrá-las com o fio do licuri, em forma de rodas. Em seguida, ocorre a secagem, que é feita em locais com sombra, senão as palhas ficam quebradiças e frágeis. Geralmente as artesãs colocam essas rodas penduradas em varais na varanda da Associação ou de suas casas.

Passados dois a três dias, a depender do sol, chega a hora de preparar a palha para riscar (Figura 4), tingir e trançar (Figura 5). Para finalizar, as peças são costuradas com linho (fibra) da palmeira aricuri, também chamado de licuri.



Figura 4. Artesã riscando as palhas usadas na confecção do artesanato.



Figura 5. Artesã trançando as palhas usadas na confecção do artesanato.

Na Associação estava Dona Dalva, uma das mais velhas artesãs de Massarandupió. Enquanto ela amarrava as palhas para secar, aproveitei para perguntar sobre o preparar da palha até a confecção do artesanato.

Depois da palha cozida e secada é hora de fazer a riscagem. Riscar é pegar a palha, uma por uma e ir riscando com a ponta da faca, formando tiras pequenas ou grandes, grossas ou finas, isso é de acordo com o objeto que vai fazer. [na realidade é o limbo da folha que é dividido para fazer as tiras, e a nervura central do limbo é desprezada]. Depois de riscadas, as palhas são tingidas ou não, a depender da peça de artesanato a ser feita e, em seguida, estão prontas para se trançar (D. Dalva).

Para trançar, algumas artesãs utilizam técnicas de coloração da palha, com o uso de produtos naturais ou artificiais (anilina), dando um design nos objetos produzidos:

Depois de cozida, põe a quantidade da palha da qual vai tingir em forma de rodas para ferver junto com a cor escolhida. Essa tinta pode ser anilina colorida ou Cipó de Rego, que dá uma cor alaranjada, ou até mesmo urucum. São plantas da região encontradas no piaçaval. Geralmente, depois da palha tingida, as artesãs lavam com sal ou sabão em pó pra que o tingimento não saia da palha e não fique soltando a cor.

Com as palhas já prontas, em tiras, começa o trançado. Essa técnica já está enraizada nas famílias, elas já trançam de forma instintiva e rápida, às vezes nem percebem o quanto já trançaram. Quando as tiras já estão trançadas elas guardam para depois fazer a arte final.

Quanto ao design, muitas artesãs criam o seu próprio trabalho, com base no que aprenderam com seus antepassados, e também incorporam novos trançados em cursos

oferecidos por instituições como o Sebrae e ONGs que colaboram com as artesãs na arte de trançar, aprendendo a fazer “bicos” e “lacinhos”, o que contribui para a auto-sustentabilidade econômica da região (Figura 6).

Ao finalizar o trabalho, as artesãs deixaram o seu depoimento sobre o trabalho árduo envolvido na arte de trançar e a necessidade de sua maior valorização.

Foi um prazer grande pra gente ser procurada pra mostrar o nosso trabalho, mostrando o quanto a gente lida pra fazer o artesanato e vender muitas vezes por preços baixos. Quem sabe ser mais divulgado, porque atualmente, aqui em Massarandupió, está difícil. Mas é isso que a gente sabe fazer, Graças a Deus!



Figura 6. Bolsas feitas com as palhas da piaçava.

4.3.3 Avaliação da Sustentabilidade Socioambiental do Manejo da Piaçava da Bahia.

Na prática do extrativismo da piaçava é importante que se possa refletir sobre a necessidade de assegurar uma participação mais efetiva da comunidade, contemplando a possibilidade de implementação de políticas, programas e projetos que não apenas assegurem benefícios materiais gerados na produção do artesanato, mas também gerem sustentabilidade e valorização das atividades tradicionais. É importante, ainda, ampliar os benefícios e mitigar os impactos decorrentes do desenvolvimento da atividade turística, por se tratar de produtos comercializados por empresários de hotéis e lojas da região.

Esses aspectos devem ser discutidos pelos órgãos públicos e privados para que possam fazer a mediação entre as técnicas artesanais tradicionais, que dão às artesãs a

sua autonomia criativa, e o design de produtos artesanais, que muitas vezes é aprendido através de cursos oferecidos por instituições como o Sebrae, o Instituto Visconde de Mauá, e outros relacionados ao artesanato da piaçava.

Visando o desenvolvimento sócio-econômico da comunidade de Massarandupió, vêm surgindo programas sócio-ambientais ligados à produção do artesanato da piaçava. Os programas Berimbau e Talentos do Brasil, e outros desenvolvidos através de ONGs, muitas vezes não levam em conta a complexidade do fato de que é necessário a comunidade ter consciência do trabalho que realmente está sendo desenvolvido, que requer a participação de todos: empresários, proprietários de terras, moradores e artesãos.

Colher palhas da piaçava, cozinhar, riscar, tingir e confeccionar o artesanato não é o suficiente se não houver um trabalho de manejo participativo, no qual a comunidade compreenda o processo produtivo sustentável e as características do território (fauna, flora, clima, relações ecológicas, etc.) no qual é produzida a matéria-prima da subsistência local, a piaçava.

No entanto, mesmo sem ter esse conhecimento amplo da região, os moradores reconhecem a importância do ambiente e preocupam-se com os problemas que podem advir da sua degradação. Afinal, é o sustento familiar que está em jogo. Nesse sentido, é preocupante a atitude de proprietários de terras do Litoral Norte que cercam áreas antes abertas, forçando as piaçaveiras a buscarem as palhas cada vez mais longe (MATTEDI, 2001b).

A Constituição Brasileira, de 1998, em seu Artigo 225, define o meio ambiente como “bem de uso comum do povo” e impõe ao Poder Público e à coletividade “o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Segundo Uema (2009), o desafio para a gestão ambiental pública instituída no país é o de caminhar para uma forma de democracia participativa na qual a sociedade exerça de fato o controle social sobre as políticas públicas, sem se perder de vista a importância dos diferentes atores sociais. Assim, é necessário, que os indivíduos e os grupos sociais identifiquem os problemas ambientais como fazendo parte da sua vida,

da sua existência e, a partir de então, busquem alternativas de equacionamento dos problemas de forma coletiva, articulada, que, por intermédio de um processo de negociação entre os diferentes atores envolvidos, busquem a formulação de consensos e se comprometam com os encaminhamentos, com as decisões.

Para tanto, faz-se necessário que programas de educação ambiental tenham como foco a comunidade como principal agente de sustentabilidade ambiental, sem deixar de conhecer as suas tradições, anseios e frustrações, que muitas vezes levam a conflitos socioambientais. Para tanto, é necessário adotar na região ações mitigadoras que possam reduzir impactos, sejam eles sociais, econômicos e ou ambientais:

- a) Valorização da intervenção antrópica na produção artesanal, através da palha da piaçava, de forma cuidadosa, a fim de não desvirtuar a autenticidade do objeto, que está vinculado ao universo das tradições locais (DIAS FILHO, 2006);
- b) Inclusão social e qualificação da mão de obra, nas instituições públicas e privadas, das pessoas que vivem na comunidade de Massarandupió, visando elevar o nível profissional e econômico das artesãs, de modo a obter um crescimento do empreendedorismo, incentivando a comercialização do produto no mercado;
- c) Elaboração de planos de manejo participativo com a comunidade que trabalha com a produção do artesanato da piaçava;
- d) Necessidade de pesquisas sobre o ciclo de vida da piaçava, sua morfologia e fauna e flora que convivem com o ambiente da piaçava;
- e) Conhecimento teórico e prático sobre Educação Ambiental e as ações que devem ser tomadas para que a produção do artesanato não venha a desencadear a degradação do meio ambiente;
- f) Acompanhamento e monitoramento do piaçaval, com realização de oficinas interativas entre as artesãs e técnicos de biologia e agronomia;
- g) Prevenção de acidentes de trabalho decorrentes de exposição das artesãs a riscos relacionados com a falta de preocupação na manipulação das palhas, com

o uso de vestimentas inadequadas durante a colheita e com os locais por onde transitam;

- h) Desenvolvimento de programas relacionados à saúde ambiental, fornecendo à comunidade informações sobre doenças que podem ser transmitidas por animais que convivem com a piaçava, em especial a doença de Chagas, cuja ocorrência pode estar relacionada à necessidade das piaçaveiras de levar as palhas para a sede da associação e, eventualmente, para suas casas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização do artesanato feito com a palha da piaçava deve ser incentivada por programas de educação ambiental, no que tange ao manejo participativo, à saúde ambiental e à preservação do meio ambiente. Esses programas precisam considerar a diversidade cultural e a biodiversidade como interdependentes, garantindo que o extrativismo da piaçava seja praticado sem degradar o ecossistema.

O trabalho com a piaçava é realizado geralmente por mulheres que buscam com afinco a auto-sustentabilidade da família. A prática desordenada do extrativismo da piaçava tem tido seguramente impactos ambientais negativos no ecossistema em que se baseia a economia local. Isso é percebido pela comunidade que vive na região, colhendo a palha da piaçava de forma árdua e trabalhosa, e que chega a aceitar o “progresso da economia”, sem perceber e identificar os problemas envolvidos, entre eles a degradação do meio ambiente, que pode ter como conseqüências futuras a extinção da piaçava e os conflitos sócio-econômicos.

Conclui-se que são necessárias políticas públicas, programas e projetos que, não apenas assegurem a permanência ou a sustentabilidade das atividades culturais, mas, principalmente, garantam a valorização do artesanato tradicional, a agregação de valor comercial aos produtos e a sustentabilidade socioambiental.

6 REFERÊNCIAS

DIAS FILHO, C. S.; Cultura material: a inserção do design na produção de artesanatos em comunidades tradicionais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: FACOM/UFBA, 2006. 1 CD.

DIAS FILHO, C. S.; OLIVEIRA, G. M. Grupos Criativos: uma breve reflexão sobre o artesanato da comunidade artesã de Porto de Sauípe – BA. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: FACOM/UFBA, 2008. 1 CD.

MATTEDI, M. R. M. Pesquisa e planejamento ambiental no Litoral Norte da Bahia. **Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 1, n. 3, p. 1-11, 2001a. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/147/149>>. Acesso em: 7 ago. 2009.

MATTEDI, M. R. M. Espaço e sociedade na Área de Proteção Ambiental do Litoral Norte - Bahia. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 3, n. 5, p. 105-114, 2001b. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/viewFile/623/495>>. Acesso em: 9 ago. 2009.

MELO, J. R. V. de. **Potencial de utilização da fibra e subprodutos da piaçaveira**. Disponível em: <www.ceplac.gov.br/radar/Artigos/artigo13.htm>. Acesso em: 9 ago. 2009.

VINHA, S. G. da; SILVA, L. A. M. **A piaçaveira da Bahia**. Ilhéus: Editus, 1998.48 p.

SEAGRI. Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia. **Cultura piaçaveira**. Disponível em: <<http://www.seagri.ba.gov.br/Piacaveira.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2009.

SEBRAE. **Caderno Cá e Lá**. Salvador, 2006.

SILVA, L. A. M. Piaçava — 500 anos extrativismo. In: SIMÕES, L. L.; LINO, C. F. (Org.). **Sustentável Mata Atlântica: a exploração de seus recursos florestais**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002. p. 71-84.

UEMA, E. E. Controle social, saber perito e participação: gestão ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B. (Org.). **Educação ambiental no contexto de medidas mitigadoras e compensatórias de impactos ambientais: a perspectiva do licenciamento**. Salvador: IMA, 2009. p. 51-78.